

# TECNOCULTURA AUDIOVISUAL

---

TEMAS, METODOLOGIAS E  
QUESTÕES DE PESQUISA

## **CONSELHO EDITORIAL**

ALEX PRIMO – UFRGS

ÁLVARO NUNES LARANJEIRA – UTP

CARLA RODRIGUES – PUC-RJ

CIRO MARCONDES FILHO – USP

CRISTIANE FREITAS GUTFREIND – PUCRS

EDGARD DE ASSIS CARVALHO – PUC-SP

ERICK FELINTO – UERJ

FRANCISCO RÜDIGER – PUCRS

J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO – ESPM

JOÃO FREIRE FILHO – UFRJ

JUREMIR MACHADO DA SILVA – PUCRS

MARCELO RUBIN DE LIMA – UFRGS

MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES – USP

MICHEL MAFFESOLI – PARIS V

MUNIZ SODRÉ – UFRJ

PHILIPPE JORON – MONTPELLIER III

PIERRE LE QUÉAU – GRENOBLE

RENATO JANINE RIBEIRO – USP

ROSE DE MELO ROCHA – ESPM

SANDRA MARA CORAZZA – UFRGS

SARA VIOLA RODRIGUES – UFRGS

TANIA MARA GALLI FONSECA – UFRGS

VICENTE MOLINA NETO – UFRGS

# TECNOCULTURA AUDIOVISUAL

---

TEMAS, METODOLOGIAS E  
QUESTÕES DE PESQUISA

SUZANA KILPP (ORGANIZADORA)

GUSTAVO DAUDT FISCHER

JOÃO MARTINS LADEIRA

SONIA MONTAÑO



*Editora Sulina*

© Autores, 2015

Capa:  
Eduardo Miotto

Editoração:  
Vânia Möller

Revisão:  
Caren Capaverde

Revisão gráfica:  
Miriam Gress

Editor:  
Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

T255      Tecnocultura audiovisual: temas, metodologias e questões de pesquisa /  
              Suzana Kilpp... [et al.]. – Porto Alegre: Sulina, 2015.  
              207 p.

ISBN: 978-85-205-0732-2

1. Meios de Comunicação Social. 2. Comunicação – Tecnologia.  
3. Audiovisual – Tecnologia. 4. Cultura – Tecnologia. 5. Tecnologia  
Digital - Audiovisual. I. Kilpp, Suzana. II. Fischer, Gustavo Daudt.  
III. Ladeira, João Martins. IV. Montaña, Sonia

CDU: 316.77

659.3

CDD: 001

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Meridional Ltda.  
Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Julho/2015}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

# SUMÁRIO

AUDIOVISUALIDADES, TECNOCULTURA E A PESQUISA  
EM COMUNICAÇÃO | 7

*Sonia Montaña*

*Suzana Kilpp*

INTERFACES CONTEMPORÂNEAS DA TV: PARADIGMAS  
DURANTES EM TELAS DE DISPOSITIVOS MÓVEIS | 16

*Suzana Kilpp*

DO AUDIOVISUAL CONFINADO ÀS  
AUDIOVISUALIDADES SOTERRADAS EM INTERFACES  
ENUNCIADORAS DE MEMÓRIA | 61

*Gustavo Daudt Fischer*

UMA ARQUEOLOGIA DE SOFTWARES PARA GLOBOS  
VIRTUAIS: OLHAR FOTOGRÁFICO, IMAGEM DIGITAL,  
CULTURA VISUAL | 112

*João Martins Ladeira*

O USUÁRIO COMO CONSTRUTO NAS INTERFACES DO  
YOUTUBE | 164

*Sonia Montaña*

SOBRE OS AUTORES | 206



# AUDIOVISUALIDADES, TECNOCULTURA E A PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

Sonia Montaña  
Suzana Kilpp

O “livro da Compós 2014”<sup>1</sup>, intitulado *Teorias da Comunicação no Brasil* (França; Aldé; Ramos, 2014), reuniu algumas reflexões de diferentes autores sobre as teorias da comunicação no Brasil e foi entendido pelos organizadores como um diagnóstico no qual a área dá a ver por que o campo da comunicação está sempre e ainda em construção. Para eles, apesar e para além de reconhecer a complexidade desse campo em particular, o estado da arte parece-se ainda com um “quadro impressionista” inacabado, pela variedade de referências e preocupações, pela falta de consenso, pelas controvérsias quanto aos pontos básicos que estruturariam e solidificariam um campo científico qualquer. Para estabelecer-se legitimamente apesar e para além de reconhecer a complexidade desse campo em particular, a área precisaria responder satisfatoriamente aos desafios de definir, afinal, quais são seus objetos de pesquisa, quais são seus problemas de pesquisa e quais são as metodologias de pesquisa complexas que podem dar conta

1 Coletânea publicada anualmente pela Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Os textos que dela participam foram selecionados pelos organizadores a partir de uma chamada pública para o dossiê temático em pauta.

dos objetos complexos que emergem em culturas complexas sob uma complexa forma de comunicação.

Esse diagnóstico nos incita a pensar sobre a necessidade de dar a ver e discutir os modos como formulamos nossas pesquisas. Se pensarmos, especificamente, na pesquisa em comunicação audiovisual, os desafios não são menores. Diversos autores abordam como as imagens estão migrando o tempo inteiro de um meio a outro, de uma natureza a outra. Assistimos à formação de uma videoteca universal e, paralelamente, de uma infinita enciclopédia de novos termos usados para tentar explicar essa tecnocultura em que todos se tornam outros a cada instante. Enquanto se canibaliza imagens produzidas pelas mídias, e as provindas de outras áreas e produzidas por outros saberes e finalidades, e se dispõe ao consumo quaisquer umas dessas imagens, por fim situadas na interseção de campos, tecnologias e suportes, verifica-se haver uma grande diversidade de sujeitos-usuários envolvidos no processo de sua produção e compartilhamento.

Há os que mais recentemente estudam o fenômeno sob a perspectiva da ingerência dos *softwares* na cultura e propõem que estudos do *software* sejam feitos também na Comunicação, sobretudo com vistas à comunicação audiovisual. Mas há os que têm defendido desde mais tempo que os estudos da imagem precisam considerar questões éticas, estéticas e técnicas da cultura, dentre as quais a mediação do *software* já estaria contemplada como uma das atualizações possíveis da técnica.

Haver-se-ia de considerar também a ingerência singular do pesquisador, que, nas palavras de Santaella (2001, p. 112), em algumas de suas experiências de pesquisa “frustra uma expectativa ou rompe com um hábito”. Por isso,



seria preciso prestar especial atenção à inevitável circunstância de que “o objeto de qualquer ciência não é jamais um dado previamente definido, um território recortado de antemão, mas [é] fruto da própria construção de todo conhecimento”. Na mesma direção, Didi-Huberman (1998) destaca ainda que a curiosidade do pesquisador, ou seja, o que o leva a formular um problema de pesquisa, a estabelecer objetivos, a dialogar com outros teóricos e a formular suas metodologias de análise, quase que é exigida pelo objeto observado, porquanto é o que nele nos observa que move nossa curiosidade.

Se um dos objetivos dos cursos de pós-graduação é a *formação* do pesquisador, talvez se devesse considerar mais importante do que aquilo que as dissertações e teses informam sobre os objetos estudados aquilo que elas informam sobre os modos da pesquisa realizada: seus parâmetros teóricos, os procedimentos metodológicos adotados, os ensaios e erros percebidos na análise, a subjetivação do pesquisador-aprendiz etc. Assim como talvez se devesse prestar mais atenção aos modos como o pesquisador (aprendiz ou profissional) dialoga com os pares, dispõe-se a “abrir” suas percepções e receber contribuições e críticas a suas pesquisas. Essas são algumas das premissas que explicam e justificam a organização e publicação dos capítulos deste livro: cada um toma por base a reflexão ensejada pelo autor em sua mais recente pesquisa, a partir da qual os demais autores lhe colocam questões sobre os temas, os fundamentos, as metodologias e as justificativas do projeto.

Em cada capítulo e no livro que os organizou não se disfarçaram as tensões claramente perceptíveis entre um e outro autor, que integram, no entanto, o mesmo grupo de pesquisa. Assim, o diálogo entre eles referenda a posição

de Derrida (1997) de que a comunicação é impossível, e os autores aceitaram arriscar dar a ver (e valorizar) todos os desvios, as interpretações, os filtros e ruídos que agem no processo de comunicação e de acolhida do outro. Mesmo este capítulo introdutório, que é produto de um diálogo tenso havido entre as autoras, ainda que tenha sido “limpado” de tais marcas enunciativas, ainda guarda restos e rastros indistigíveis do mesmo, os quais o leitor atento poderá autenticar (se tiver interesse nisso, é claro!).

No capítulo “**As interfaces contemporâneas da TV: paradigmas durante em telas de dispositivos móveis**”, a temática problematizada é a multiplicação de telas nas quais assistimos a conteúdos televisivos que deixam rastros de *hardwares* e *softwares* em molduras próprias de cada dispositivo: ao movimento das imagens se sobrepõe o movimento do dispositivo e do espectador. A autora se propõe a refletir sobre as qualidades do estado-televisão que emerge nesse ambiente. Para isso, se propõe a cartografar molduras e moldurações praticadas pelas mídias para atribuir sentidos identitários de TV aos conteúdos televisivos veiculados.

No capítulo “**Do audiovisual confinado às audiovisuais soterradas em interfaces enunciativas de memória**”, a temática problematizada relaciona-se aos construtos de memória em sites que se enunciam como memorialistas de *softwares* implicados em algum tipo qualquer de lembrança de audiovisuais. O autor se propõe a escavar camadas da Internet nas quais alguma vez se realizou, em certas interfaces gráficas, veicular imagens audiovisuais. O autor também não disfarça seu particular interesse de pesquisa nas interfaces da *web*, em construtos de memória e na arqueologia das mídias.

No capítulo **“Uma arqueologia de *softwares* para globos virtuais: olhar fotográfico, imagem digital, cultura visual”**, aparentemente, o objeto pesquisado é o *software* conhecido como Nasa World Wind, que gera imagens do globo terrestre. Entretanto, a temática problematizada é de fato o olhar, ou o regime de visibilidade de imagens no dispositivo (foucaultiano) contemporâneo. O autor, às vezes, tenta disfarçar, mas deixa rastros de que seu verdadeiro interesse de pesquisa é o poder (foucaultiano), o poder que controla o olhar, o modo de olhar para imagens que as fazem ser ou parecer tais ou quais.

No capítulo **“O usuário como construto nas interfaces do *YouTube*”**, a autora propõe haver uma insistência em se atribuir ao termo “usuário” sentidos que são contraditórios. Entende que, de Benjamin a Certeau (entre outros), a reflexão já consagrada sobre os usos e as apropriações culturais da técnica vem se inquietando mais desde quando se trata das interfaces gráficas na Internet e explora a alternativa de se pensá-los como multiplicidades de múltiplos, virtualidades que, também assim, se atualizam, contemporaneamente, nas realizações audiovisuais da tecnocultura contemporânea sitiada na Internet.

É bem possível que o leitor atento às desavenças quanto à abordagem dos temas aqui relatados sinta algum desconforto diante da insistente defesa que fazemos de que o conjunto dessas pesquisas se inscreve no mesmo cenário, qual seja, o da comunicação audiovisual. Entendemos e participamos de seu desconforto, pois, o que há, mesmo, de “audiovisual” num *software* de globo virtual, ou no site Wayback Machine, ou ainda na interface do canal do usuário do *YouTube*, e no gráfico sobre os usuários que assistiram a um determinado vídeo, e no *mapa-mundi* no qual eles se situam geograficamente?

França (2001), indagando-se sobre o que define o campo da comunicação, critica que sua definição vem sempre por demais apoiada ou referenciada no empírico, enquanto que, a seu ver, “objetos de conhecimento” não são objetos do mundo empírico, mas, sim, perspectivas de “leitura” e modos de construção do conhecimento. A autora também entende que “A comunicação, com sua falta de tradição, nascida de uma dinâmica interdisciplinar, terreno transdisciplinar, representa muito bem a atmosfera atual, que estimula a diluição dos feudos, das demarcações rígidas de terreno, e chama os cruzamentos”.

Contudo, nessa proliferação dos “pontos de vista”, a mesma autora alerta para a pobreza e fragilidade dos paradigmas, entendendo o paradigma como uma “estrutura anterior, subjacente, matricial”, “esquema organizador das teorias”, algo que direciona a apreensão e o tratamento das teorias ou algo definidor das perguntas a serem respondidas. Na época, a autora assinalava o paradigma informacional, o modelo semiótico-informacional, o modelo semiótico textual e o modelo dialógico como os quatro paradigmas disponíveis que atravessavam a maior parte das reflexões no campo da comunicação. Ao mesmo tempo, alertava que sua fragilidade e/ou simplificação era responsável pela falta de especificidade dos estudos da área: “partindo de um lugar com poucas perguntas, os estudos caminham um pouco à deriva, respondendo e se ancorando mais no instrumental e nas questões colocadas pelas demais áreas afins”.

Para os autores deste livro<sup>2</sup>, as audiovisualidades são paradigmáticas e compreendem os audiovisuais em três

2 E para o grupo de pesquisa “Audiovisualidades e Tecnocultura: Comunicação, Memória e Design”, o qual será mais especificado adiante, especialmente no segundo capítulo. No mesmo capítulo também será mais especificado o entendimento do grupo sobre a noção de tecnocultura.

dimensões: a técnica, a discursiva e a cultural. Busca-se, assim, autenticar e analisar audiovisualidades ou devir audiovisual em contextos não necessariamente audiovisuais:

- a partir das teses de Eisenstein (1990), que reconhecia a existência de uma qualidade cinematográfica (a montagem) antes e para além do cinema;
- de Gilles Deleuze (2006), que encontra em Bergson o conceito de imagem-movimento, mesmo antes da invenção do cinema, embora tenha sido o cinema o grande intercessor do conceito inventado por Bergson;
- de Bergson (2006), ele mesmo, de quem vem o sentido durante do audiovisual como virtualidade ou tendência;
- de Benjamin (2006), de quem vem o sentido dialético e crítico das imagens nas quais coalescem imagens e imagens-pensamento de todos os tempos; e de quem também vem, por conta disso, a proposta de escavar as camadas da memória nas quais cada tempo realizado deixou seus rastros;
- de Foucault (2009), que sempre ilumina o pensamento sobre as urgências do dispositivo contemporâneo e a arqueologia do saber.

Sob esse paradigma, o objeto de conhecimento é um ambiente tecnológico (o meio de McLuhan, 1999) de convergência e atravessamento de formatos e suportes, de *hardwares* e *softwares* etc., que participa fortemente da audiovisualização da cultura que está em curso. Nesse am-

biente ressonante, cria-se, faz-se circular, usa-se e apropria-se de construtos audiovisuais como modos singulares de expressão e significação da experiência do mundo.

Sob tal paradigma também há que se considerarem os desafios metodológicos colocados à pesquisa. Justo por isso, pela importância decisiva das metodologias ensejadas nos resultados a serem alcançados em cada projeto, decidiu-se pela oportunidade do formato (ou critério) da organização deste livro. Assim, em cada capítulo, deu-se ênfase à apresentação e ao questionamento das metodologias de pesquisa propostas por cada autor. Que sirvam, talvez, como contribuições à pesquisa. Mas que sirvam, antes e mais do que tudo, para dar a ver os bastidores das pesquisas aqui apresentadas e discutidas, o que tem sido pouco praticado entre nós, na área.

Os autores do livro integram o grupo de pesquisa “Audiovisualidades e Tecnocultura: Comunicação, Memória e Design” (TCAv), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e encontram-se em diferentes momentos de seu percurso como pesquisadores, uns iniciando o ofício, outros com uma trajetória já mais consolidada. Todos debruçam seus esforços com a mesma empáfia e rigor na perspectiva de entender objetos empíricos diferentes, com metodologias e perspectivas teóricas outras, mas que, no conjunto, convergem para um ponto que é o mesmo: o objeto de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DELEUZE, G. *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DERRIDA, J. *El monolingüismo del otro*. Buenos Aires: Manantial, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.
- EISENSTEIN, S. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FRANÇA, V. V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? *Ciberlegenda*, n. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/314/195>>. Acesso em: 14 jan. 2015.
- \_\_\_\_\_; ALDÉ, A.; RAMOS, M. C. *Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas*. Salvador-Brasília: Edufba/Compós, 2014.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SANTAELA, L. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001